

Panorama da Produção Mundial e Brasileira de Pescado, com Ênfase para o Segmento da Aqüicultura



Itamar de Paiva Rocha (1)

Diego Maia Rocha (2)

1 – Introdução

As estatísticas mais recentes da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), mostraram que a produção mundial de pescado em 2008, envolvendo a pesca extrativa (90.800.160 t) e a aqüicultura (68.348.943 t), foi de 159.149.103 t (Figura 1).

O crescimento médio anual da aqüicultura observado entre 1998 a 2008 (6,50%) foi bem superior ao incremento registrado para a produção extrativa no mesmo período (0,45%), o que permite deduzir que a produção oriunda da aqüicultura, ultrapassará a produção advinda da pesca extrativa até 2013.

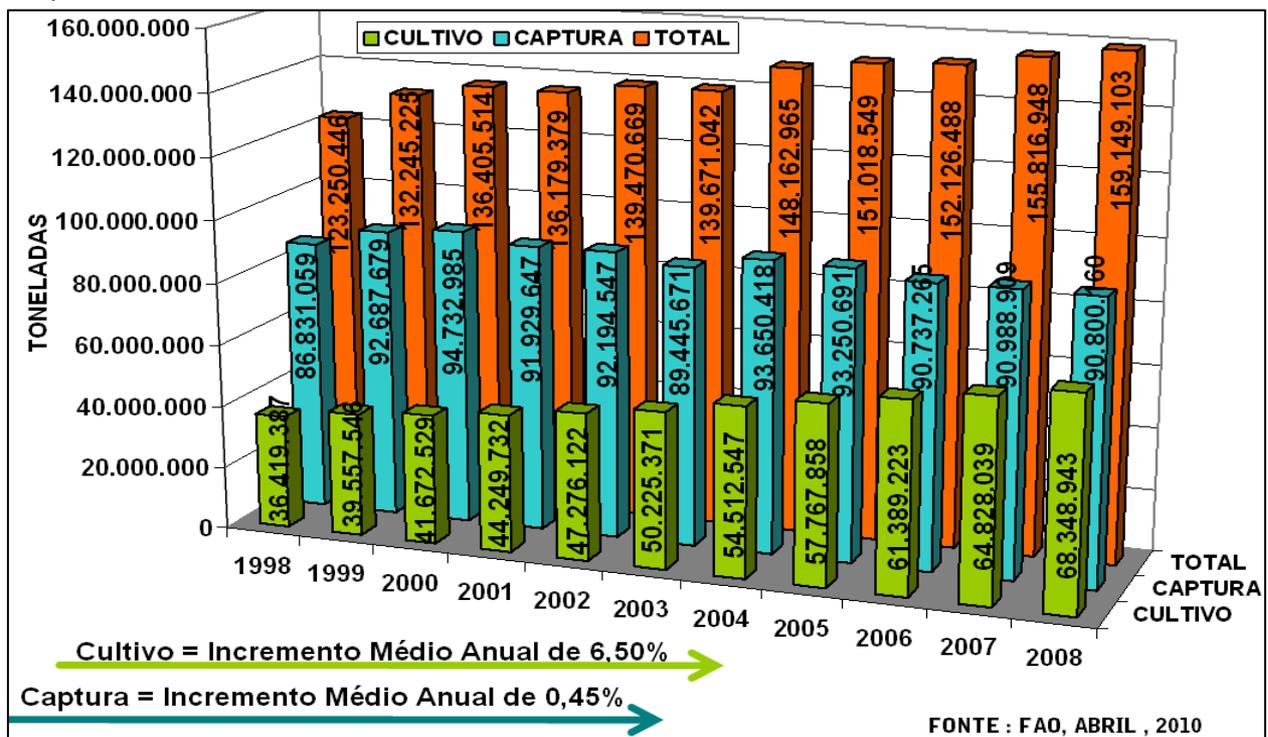


Figura 1 – Evolução da Produção Mundial de Pescados (1998 – 2008)

2 – Produção Mundial de Aqüicultura

A produção oriunda da aqüicultura em 2008 mostra claramente a destacada hegemonia do Continente Asiático, cuja participação correspondeu a 91,36% da produção mundial desse setor. Em seguida, com bem menos representatividade, aparecem Europa, com 3,43%, América do Sul, com 2,15%, América do Norte e Central, com 1,41%, África, com 1,40% e Oceania, com 0,25%.

Na composição da produção mundial da aqüicultura se destacam 04 (quatro) grandes grupos de espécies: (1) peixes (49,49%), (2) plantas aquáticas (23,09%), (3) moluscos (19,16%), (4) crustáceos (7,33%), ficando os (5) outros organismos aquáticos com (0,94%).

Com relação a receita, os produtos oriundos da aquicultura renderam aos produtores US\$ 105,8 bilhões em 2008, cuja participação do segmento de piscicultura foi de 56,85%, seqüenciada pelos crustáceos, com 21,40%, moluscos com 13,52%, plantas aquáticas com 7,97% e por outros organismos aquáticos com 1,69%, conforme se detalha na Figura 2.

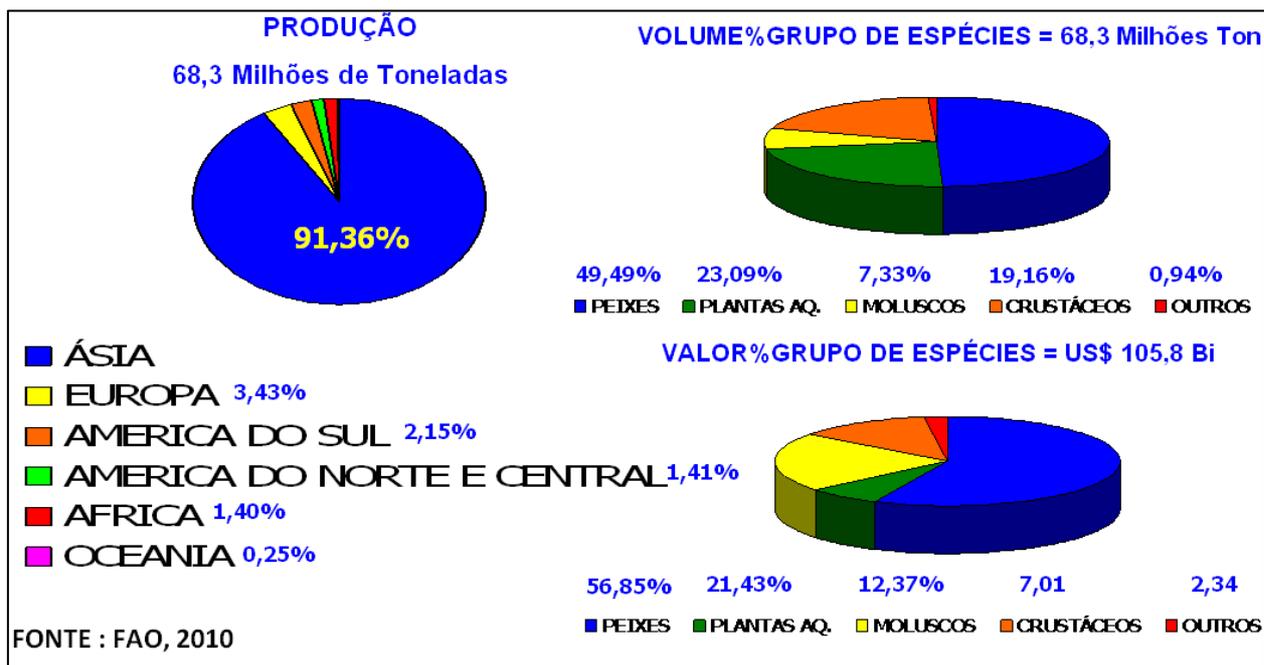


Figura 2 – Produção Mundial da Aquicultura por Região e por Grupo de Espécies em 2008

Ao se falar da produção mundial de aquicultura, o principal destaque fica para o desempenho da China, que respondeu por 62,4% (42,67 milhões de toneladas) do seu volume total. Além disso, a China se destacou tanto na área de piscicultura, com uma produção de 19,12 milhões de toneladas, representando 56,5% do total produzido mundialmente, como na produção de moluscos, cujo volume de 10,3 milhões de toneladas, correspondeu a 78,8% da produção mundial desse segmento. Além disso, se destacou também no segmento de plantas aquáticas, com um volume de 9,9 milhões de toneladas, equivalente a 62,9% do total produzido mundialmente e, no cultivo de crustáceos, cuja produção de 2,7 milhões de toneladas, contribuiu com 54,2% da produção desse grupo de espécies, no contexto mundial em 2008. (Tabela 1)

Tabela 1 – Produção Mundial da Aquicultura por Região e por Grupo de Espécies em 2008

GRUPO ESPÉCIES	2007 VOLUME (1000 t)	%	VALOR BILHÕES US\$	%	CHINA	
					VOLUME (1000 t)	%
PEIXES	33.824	49,49%	60,2	57,17%	19.120	56,5%
CRUSTÁCEOS	5.010	7,33%	22,7	21,56%	2.713	54,2%
MOLUSCOS	13.093	19,16%	13,1	12,44%	10.315	78,8%
PLANTAS	15.781	23,09%	7,0	6,65%	9.934	62,9%
OUTROS	641	0,94%	2,3	2,18%	592	92,4%
TOTAL	68.349	100%	105,3	100,00%	42.674	62,4%

Fonte: FAO - Abril, 2010

Em realidade, quando se analisa o desempenho da aquicultura mundial, não se pode deixar de ressaltar, que dentre os 10 (dez) maiores produtores mundiais de aquicultura, se destacam de forma bastante preponderante, 09 (nove) países Asiáticos (China, Índia, Indonésia, Filipinas, Vietnã, Coréia do Sul, Tailândia, Japão e Bangladesh), os quais

produziram 59,8 milhões de toneladas, o equivalente a 87,60% da produção mundial desse setor e, apenas 1 (hum) país da América do Sul (Chile).

O Brasil, a despeito de todo o seu potencial e tradição secular nessa área, teve uma participação sofrível, notadamente quando se leva em conta que a sua produção em 2008, representou apenas 0,42% da produção mundial da aquicultura no referido ano. (Tabela 2)

Tabela 2: Principais Produtores Mundial de Aquicultura em 1998 e 2008.

PAÍSES	1998	2008	Cresc. da Produção (%)	Participação na Produção (%)
	Produção (T)	Produção (T)		
China	24.414.010	42.674.498	74,80%	62,44%
Índia	1.908.485	3.478.692	82,28%	5,09%
Indonésia	747.007	3.854.844	416,04%	5,64%
Filipinas	997.841	2.407.698	141,29%	3,52%
Vietnam	350.920	2.497.400	611,67%	3,65%
Coreia do Sul	796.632	1.394.818	75,09%	2,04%
Tailândia	594.579	1.374.024	131,09%	2,01%
Japão	1.290.486	1.187.774	-7,96%	1,74%
Bangladesh	574.812	1.005.542	74,93%	1,47%
Chile	351.430	870.845	147,80%	1,27%
Sub - Total	32.026.202	60.746.135	89,68%	88,88%
Brasil	103.915	290.186	179,25%	0,42%
Outros	4.289.270	7.312.621	70,49%	10,70%
Total	36.419.387	68.348.942	87,67%	100,00%

FONTE : FAO, Abril, 2010

Para concluir o quadro geral sobre a aquicultura mundial, é de fundamental importância se ressaltar a participação das principais espécies, onde o grande destaque fica por conta do grupo representado pelas carpas, cuja produção (15.678.059 t) representou 22,94% do total produzido por esse setor no referido ano. Na seqüência, por ordem decrescente, em termos de participação, se posicionaram: ostras (6,09%); mariscos (5,74%); camarões (4,97%) tilápias (4,09%); salmonídeos (3,36%) e mexilhões (2,38%).

Por outro lado, ao se analisar o segmento da produção mundial de camarão, fica bastante claro a correlação do desempenho desse setor com o da aquicultura precedentemente analisado. Inclusive, se ressalta que a evolução da referida produção entre os anos de 1998 (3.629.976 t) e 2008 (6.519.671 t), tem como destaque, o incremento da participação da produção oriunda da carcinicultura (244%), que passou de uma representação de 27% (985.898 t) para 52% (3.399.105 t), da produção mundial de camarão em 1998 e 2008, respectivamente.

3 – Panorama da produção brasileira de pescado

No computo geral, a produção de pescado do Brasil encontra-se praticamente estagnada, especialmente quando se considera que o crescimento apresentado por esse setor entre 2003 (985.412 t) e 2008 (1.065.186 t), correspondeu a um incremento médio anual de apenas 15.955 toneladas (Tabela 3). Em realidade esse crescimento não é condizente com o imensurável potencial brasileiro para exploração e produção de pescado, tanto no contexto dos domínios marítimos, como dos múltiplos recursos dulci-aquícolas e estuarinos, amplamente disponíveis em todas suas macro-regiões.

Em realidade, o Brasil poderia ampliar consideravelmente sua produção de pescado de origem extrativa, tanto no segmento da pesca industrial na Zona Econômica Exclusiva, como em Águas Marítimas Internacionais, se fosse colocado em prática, uma política de incentivo e apoio a estruturação, modernização e operação da sua frota pesqueira. Da mesma forma, o setor da pesca artesanal, poderia explorar melhor os vastos recursos da sua zona costeira, das áreas estuarinas e dos reservatórios de água doce, caso fossem realizados programas

ordenados de repovoamentos sistemáticos, com espécies selecionadas. Isso, sem falar no excepcional potencial de exploração da aquicultura em geral, como demonstram os exemplos exitosos do Chile e Vietnã adiante comentados.

Tabela 3: Dados Gerais da Produção de Pescado do Brasil em 2003 e 2008

ORIGEM	2003 VOLUME (1000 t)	%	2008 VOLUME (1000 t)	%	CRESCIMENTO 2003/2008
PESCA MARINHA	484.593	49,18%	532.000	49,94%	10%
PESCA CONTINENTAL	227.551	23,09%	243.000	22,81%	7%
SUB-TOTAL DA PESCA	712.144	72,27%	775.000	72,76%	9%
AQUICULTURA MARINHA	101.003	10,25%	78.435	7,36%	-22%
AQUICULTURA CONTINENTAL	172.265	17,48%	211.760	19,88%	23%
SUB-TOTAL DA AQUICULTURA	273.268	27,73%	290.195	27,24%	6,19%
TOTAL	985.412	100,00%	1.065.195	100,00%	8%

O desempenho da aquicultura brasileira, vista por quem está de fora do setor, especialmente quando se analisa um viés de longo prazo, mostra uma falsa percepção de que a mesma vem se desenvolvendo a passos largos, especialmente quando se compara, percentualmente, o incremento da produção aquícola (1.140%) em relação à produção extrativa (19,58%), no período de 1991 a 2008, por exemplo, (Figura 3).

No entanto, quando se analisa os números desse setor, tomando como referencia uma análise temporal recente, fica evidenciado que o mesmo encontra-se em franco processo de desaceleração, como alias mostram as estatísticas pesqueiras brasileiras divulgadas pela FAO(2010), entre os anos de 2003 (273.268 t) e 2008 (290.195 t). Nas quais, o Brasil apresenta um crescimento de apenas 6,19%, contrastando com o desempenho mundial desse setor (36,08%), no referido período, conforme demonstrado nas Tabelas 3 e 4, respectivamente.

No contexto precedente, se ressalta que a composição da produção da aquicultura brasileira em 2008, a exemplo da aquicultura mundial, foi majoritariamente formada por: (1) peixes (72,68%), exclusivamente representados pela piscicultura de água doce (210.812 t); (2) crustáceos (22,49%), cuja carcinicultura marinha, predominantemente representada pelo camarão *Litopenaeus vannamei*, participou com 65.000 t, enquanto que o camarão de água doce (*M. rosenbergii*) contribuiu com apenas 250 t; (3) moluscos (4,62%) representados por mexilhões e ostras e, (4) anfíbios (0,21%), basicamente, jacarés e rãs. (Tabela 4).

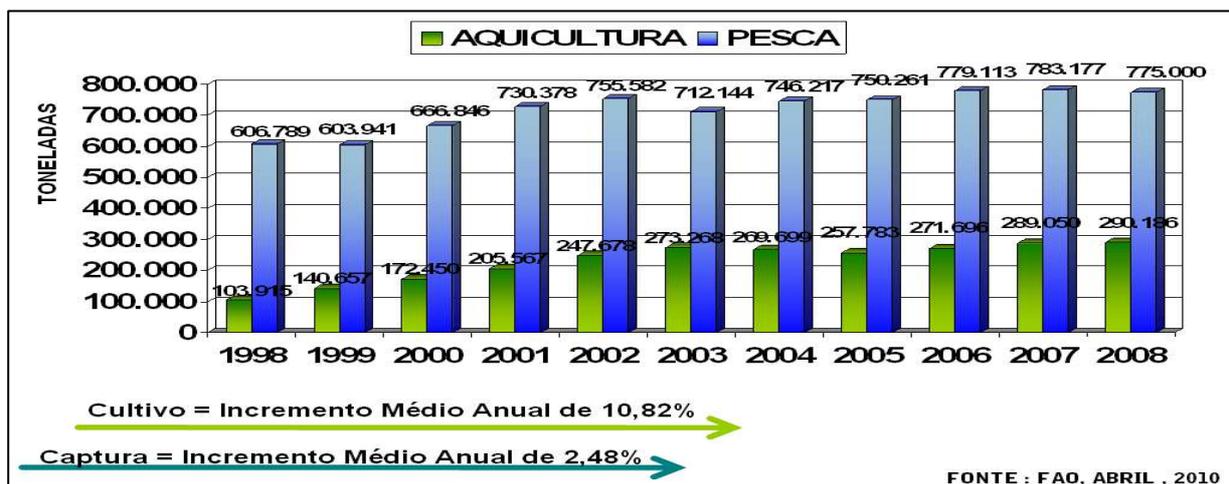


Figura 3 – Evoluções da Produção Aquícola e Pesqueira do Brasil (1998 - 2008)

Tabela 4: Perfil da Produção da Aquicultura Brasileira em 2003 e 2008

GRUPO DE ESPÉCIES	2003 VOLUME (1000 t)	%	2008 VOLUME (1000 t)	%	CRESCIMENTO 2003/2008
PEIXES	171.195	62,65%	210.906	72,68%	23,20%
CRUSTÁCEOS	90.640	33,17%	65.250	22,48%	-28,01%
MOLUSCOS	10.807	3,95%	13.420	4,62%	24,18%
ANFÍBIOS	626	0,23%	619	0,21%	-1,12%
TOTAL	273.268	100,00%	290.195	100,00%	6,19%

FONTE: FAO, 2010

O perfil da aqüicultura brasileira em termos da representatividade das espécies cultivadas, de acordo com as referidas estatísticas (FAO, 2010) para o ano de 2008, está discriminado na Tabela 5. Na qual, a liderança da produção ficou por conta de tilápias (33,08%), do camarão marinho (22,40%), o qual apresentou uma redução de (-31,94%) em relação a 2003, da carpa (12,61%) que também teve sua produção de 2003 (50.400 t) reduzida para 36.631,5 t (-27,38%) no mesmo período, do tambaqui (10,54%), do pacu (4,27%), dos mexilhões (4,14%), do tambacu (3,10%) e de outros (9,85%).

Em termos de crescimento, considerando os referidos grupos de espécies, os destaques ficaram por conta do tambaqui (46,88%), da tilápia (48,02%), dos mexilhões (39,41%), do tambacu (39,41%) e outros (71,11%). No entanto, a produção do setor aquícola, no seu conjunto, apresentou apenas um tímido desempenho (6,19%) no mencionado período.

Tabela 5 – Principais Espécies Cultivadas no Brasil em 2003 e 2008

GRUPO DE ESPÉCIES	2003 VOLUME (1000 t)		2008 VOLUME (1000 t)		CRESCIMENTO 2003/2008
		%		%	
TILÁPIA	64.857	23,73%	96.000	33,08%	48,02%
CAMARÃO	95.503	34,95%	65.000	22,40%	-31,94%
CARPA	50.400	18,44%	36.600	12,61%	-27,38%
TAMBAQUI	20.834	7,62%	30.600	10,54%	46,88%
PACU	9.244	3,38%	12.400	4,27%	34,14%
MEXILHÕES	8.608	3,15%	12.000	4,14%	39,41%
TAMBACU	7.116	2,60%	9.000	3,10%	26,48%
OUTROS	16.706	6,11%	28.595	9,85%	71,17%
TOTAL	273.268	100,00%	290.195	100,00%	6,19%

FONTE FAO, 2010

O lamentável e ao mesmo tempo inaceitável desse cenário, é o fato de que os Governos Federal e Estaduais, ignorando a realidade das suas próprias estatísticas, continuam apregoando feitos fantasiosos sobre o desempenho da aqüicultura brasileira, mascarando as ações que precisam urgentemente ser tomadas para demolir os entraves que estão impedindo o seu crescimento. Notadamente, porque em realidade, essa atividade além de representar a alternativa de maior viabilidade para o real aumento da produção de pescado no Brasil, se constitui num importante vetor de inclusão social e desenvolvimento econômico, cuja viabilização trará reflexos altamente positivos para toda a sócio-economia rural, adjacente a sua exploração.

Notadamente, pelo seu reconhecido papel na viabilização de oportunidades de negócios, empregos e renda para a grande massa de pescadores artesanais e trabalhadores rurais litorâneos e ribeirinhos, hoje totalmente marginalizados, pela limitação tecnológica, desafios ambientais e financeiros, confrontados pelos desafios da exploração dos limitados estoques pesqueiros brasileiros.

Nesse sentido, para se avaliar melhor as perdas de oportunidades, econômicas e sociais, do Brasil nesse setor, especialmente, quando se tem presente à dimensão da sua Zona Econômica Exclusiva (4,5 milhões de km²), das suas áreas estuarinas (2,5 milhões de hectares) e das águas doces represadas (10 milhões de hectares) totalmente inexploradas, basta comparar com o desempenho da maricultura do Chile e da piscicultura no Vietnã.

No caso do Chile, a produção de aqüicultura cresceu de 351.430t (1998) para 870.845t (2008), ou seja, um incremento de 147,8 %, cujo destaque fica por conta das exportações de salmonídeos cultivados em tanques redes, que contribuíram para a captação de US\$ 2,17 bilhões de dólares de divisas em 2009 (Figura 4). Já o Vietnã, um país que confrontou-se com duas sangrentas guerras (França e Estados Unidos) nos últimos 50 anos e que dispõe de apenas 80.000km² de áreas agriculturáveis, a produção de aqüicultura passou de 350.920t(1998) para 2.497.400t (2008), representando um incremento de 611,67%, ou seja, quase 100 vezes maior do que o crescimento apresentado por esse setor no Brasil (6,19%), no mesmo período. Por outro lado, outro exemplo do Vietnã que certamente merece destaque é a desempenho do Pangasius sp, um “bagre” que de repente se transformou no mais temido fantasma que está assombrando os piscicultores brasileiros, com justo motivo, pois sua produção cresceu de 22.500t(1997) para 1.600.000t(2008), com destaque para as exportações

que cresceram de 7.000t e US\$19,7milhões de dólares(1997) para 642.204t e US\$1,6 bilhões de dólares em 2008(Figura 5).

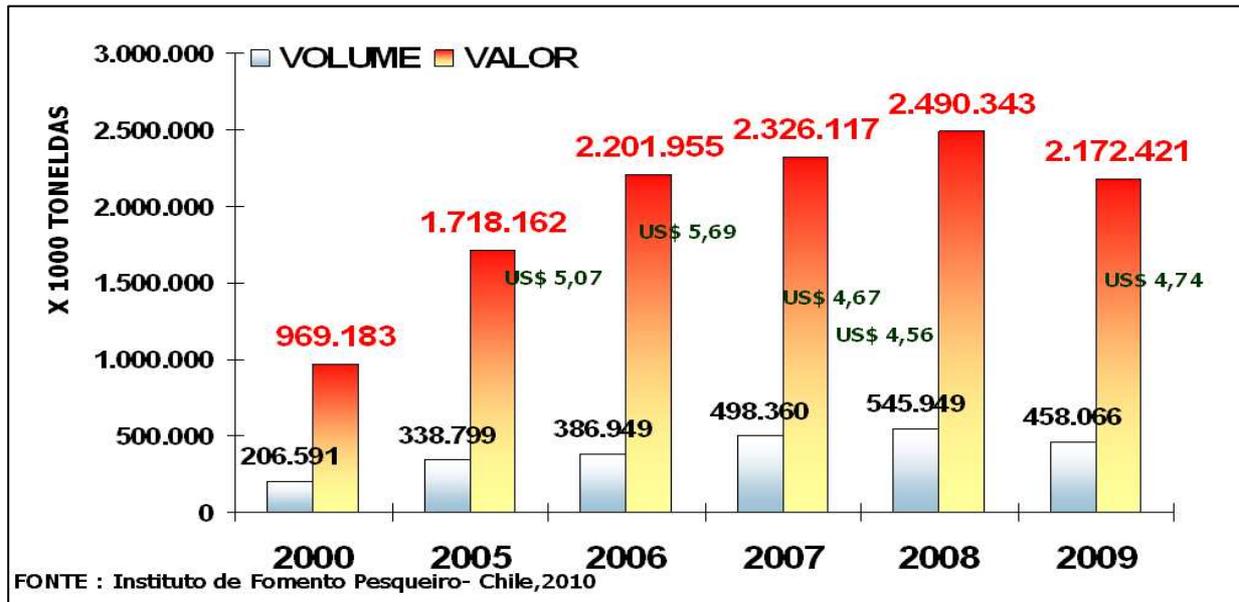


Figura 4 – Evolução das Exportações (volume e valor) de Salmonídeos do Chile (2000 -2009)

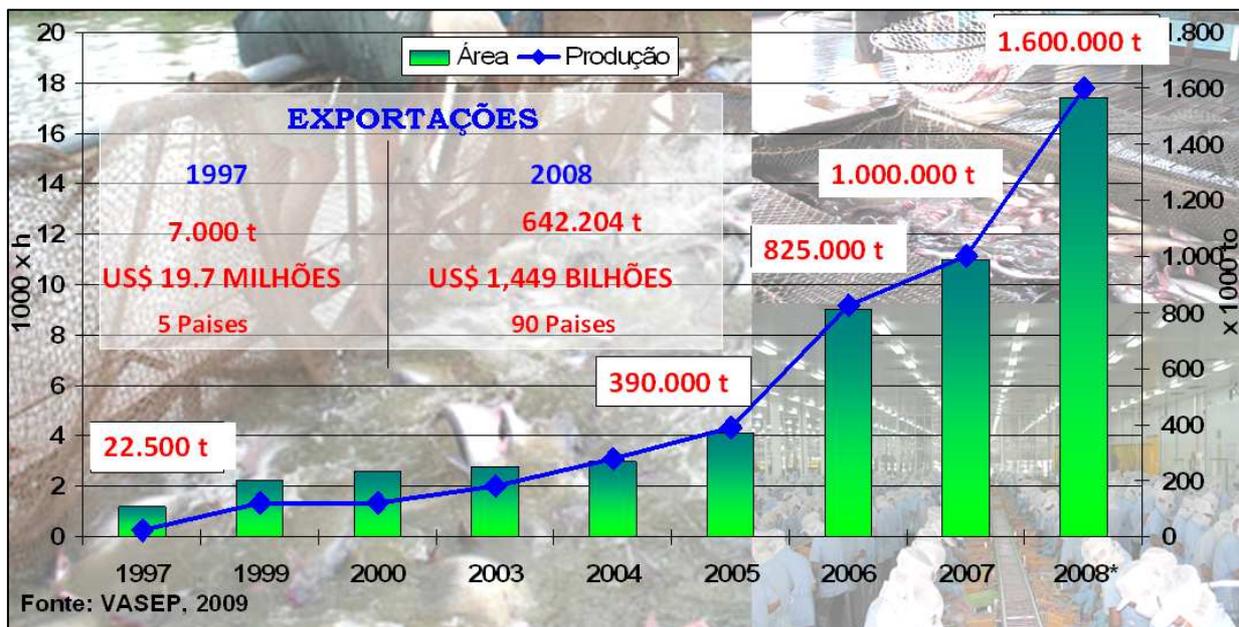


Figura 5 – Evolução da Produção e Exportações de Pangasius sp. do Vietnã – (1997 -2008)

Em contraponto aos seus reconhecidos predicados naturais, o Brasil tem sido colocado à margem de todo esse progresso vivenciado pela aqüicultura mundial, aliás, de forma bastante negligenciada, exatamente pela aquiescência e subserviência da política pesqueira brasileira, aos “interesses escusos”, da política ambiental. Notadamente, em conseqüência do alto grau de alienação e de pulverização das competências do setor pesqueiro, que somente agora, com a criação do MPA, passam a ser centralizadas e espera-se, que seja imune às pressões das ONG’s pseudo-ambientalistas, até então, encasteladas nas diversas esferas do poder público.

O lamentável, é que tudo isso vem ocorrendo com a passiva concordância da comunidade acadêmica, das representações de classe, da outrora aguerrida classe estudantil e, naturalmente, dos gestores públicos e dos Ministérios Públicos(MPE e MPF), “comodamente alienados”, tendo sempre como falso argumento, a priorização da defesa do “princípio da precaução”, a vaca sagrada da esquerda ambientalista brasileira e sem dúvida, a justificativa preferida dos alienados e dos acomodados de plantão, enfim, de quem não tem conhecimento da realidade ou compromissos com o desenvolvimento econômico-social do Brasil.

Enquanto isso, o país do eterno futuro, permanece deitado em berço não mais tão esplêndido, mas mesmo assim, vergonhosamente adormecido, negando à sua população, oportunidades de negócios, empregos e o acesso a um alimento de vital importância, no contexto do suprimento de ácidos graxos poli-insaturados, do tipo Omega-3, de elevado valor nutricional, imprescindível para as crianças, adolescentes e idosos, com inegáveis benefícios neurológicos e para a saúde dos seus consumidores de uma maneira geral.

No Brasil, pela falta de priorização de uma política pública para a promoção e viabilização da exploração da sua grande vocação natural para a produção de pescados, a aquicultura, tem-se como resultado, a triste constatação de que a produção própria mais às importações disponibilizaram aos brasileiros, apenas 6,0 kg de pescado per capita em 2007, bem abaixo da média mundial (17,0 kg/ano) e, pouco mais de 10% do que consumiu, por exemplo, cada habitante de Portugal, (57 kg) no referido ano. Nesse mesmo contexto, se ressalta que em 2008, o consumo per capita/ano de camarão no Brasil (440 g), foi bem abaixo da média mundial (790 g) e muito aquém do consumo registrado pelo México (1,58 kg), China (1,80 kg), Estados Unidos (2,14 kg), Espanha (3,47kg) e Bélgica (4,02 kg).

Por outro lado, de acordo com as Associações Nacionais das respectivas carnes, o consumo de carne bovina e de outras carnes no Brasil, foi respectivamente de 36,9 e 52,7 kg/per capita em 2008, o que demonstra por um lado, a força e pujança do mercado de proteínas de origem animal no país e, por outro lado, as amplas oportunidades para o aumento da participação de pescado, cujo déficit nominal foi da ordem de 2.052.452 t/ano em 2008(Figura 5).

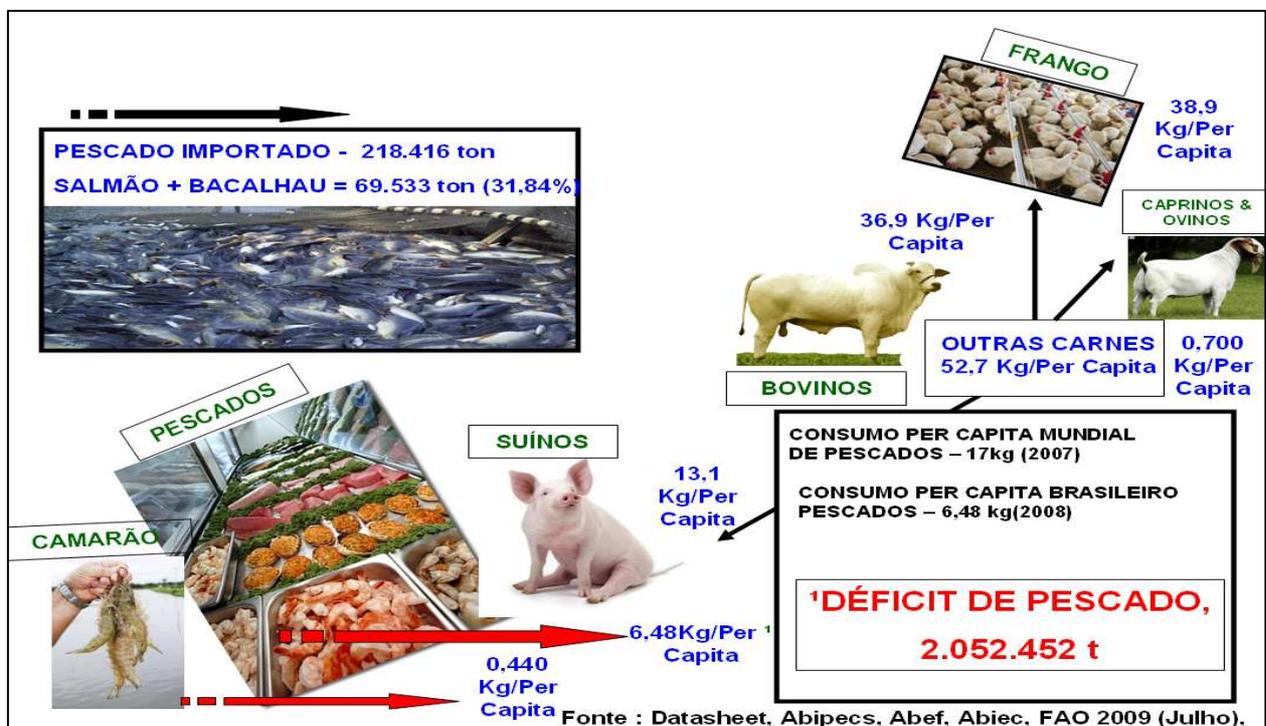


Figura 6 - Consumo de Carnes e Pescados no Brasil em 2008

4 –Desafios

A realidade da produção de pescado no Brasil tem sido adversa para toda cadeia produtiva, pois as perdas de oportunidades são evidentes. Enquanto isso, a ação governamental, prioriza a promoção do consumo sem o correspondente incentivo à produção nacional, o que inclusive tem contribuído, de um lado, para a drástica redução das exportações (Figura 6) e de outro, para o crescente aumento das importações (Figura 7). No ano de 2009, o volume de pescado importado pelo Brasil atingiu o patamar de 239,5 mil toneladas, correspondente a uma sangria de divisas de US\$ 715 milhões (Figura 8), cifras suficientes para gerar 150.000 empregos nos países exportadores.

Além disso, o setor pesqueiro brasileiro enfrenta um grande desafio, cuja solução passa por uma mudança radical na concepção e administração da atual política pesqueira, que deve levar em consideração na definição das prioridades, o histórico setorial, os exemplos exitosos e a expertise nacional, que precisam ser aproveitados, valorizados e incentivados. Limitando a

ação governamental ao planejamento, a regulamentação, ao ordenamento, a assistência técnica e ao fomento de pesquisas e ações de promoção dos seus produtos.

Ao setor privado, caberá a responsabilidade pela produção, industrialização e comercialização, observando os preceitos fundamentais que regem o desenvolvimento sustentado com respeito social e a viabilidade econômica de uma atividade primária.

De qualquer forma, persiste a esperança de que um dia o Governo Federal e Estadual, superem essa letargia e promovam as mudanças necessárias e indispensáveis a transformação dos múltiplos recursos que o Brasil dispõe em todas suas macro-regiões, em oportunidades de negócios, proporcionando vida com dignidade para os trabalhadores da pesca e da aquicultura, gerando emprego, renda, divisas e produzindo um alimento nutricionalmente imprescindível para as populações presentes e futuras.

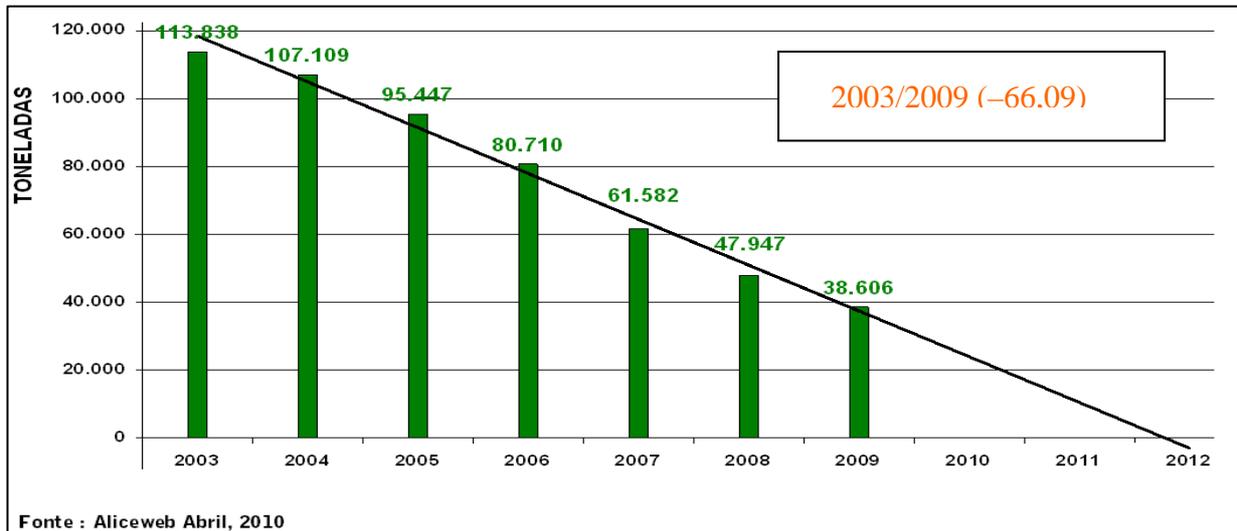


Figura 7 – Linha de Tendência em Volume das Exportações de Pescado (2003 – 2012)

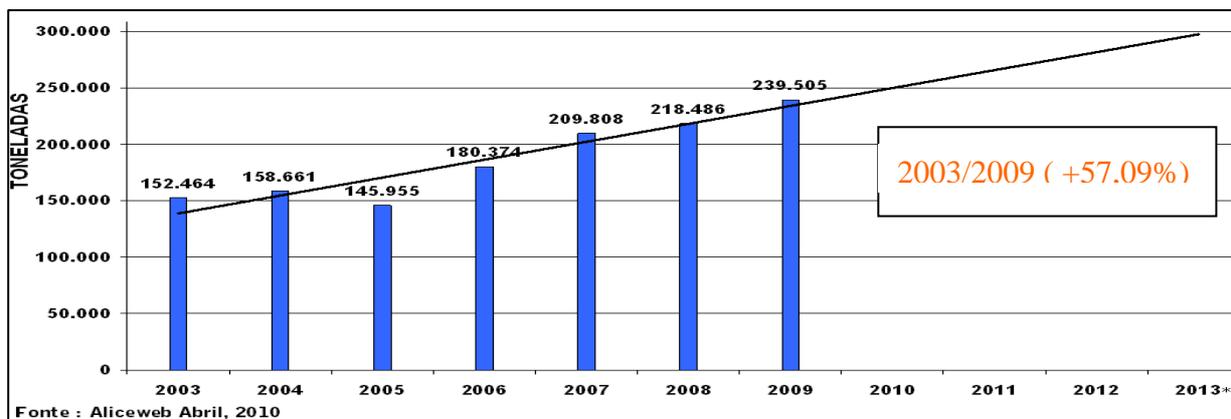


Figura 8 – Linha de Tendência em Volume das Importações Brasileira de Pescado (2003 – 2013)

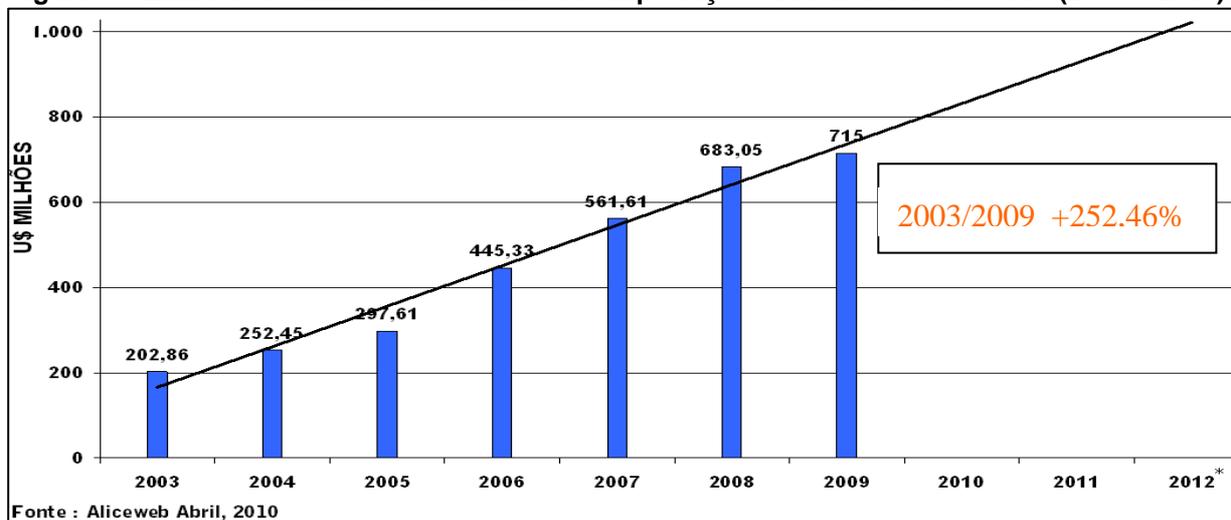


Figura 9 – Linha de Tendência em Valor, das Importações Brasileira de Pescado (2003 – 2012)

Portanto, a responsabilidade do Brasil no tocante a produção de pescado é muito grande, primeiro porque precisa produzir um volume adicional de 2,0 milhões de toneladas/ano, apenas para elevar o consumo dos brasileiros ao mesmo nível do consumo médio mundial. Segundo, como já foi amplamente retratado, porque o atendimento da crescente demanda mundial por esse nobre produto, dependerá da capacidade do país de viabilizar a exploração das suas excepcionais riquezas naturais, através da aqüicultura. Nesse sentido, se destaca que recentemente a FAO divulgou uma Nota Técnica, ressaltando que até 2030, o volume adicional de pescado, a ser produzido pela aqüicultura, apenas para manter o atual nível de consumo, será da ordem de 40 milhões de toneladas/ano.

- (1) Eng° de Pesca, CREA 7226-D – Presidente da ABCC
- (2) Biólogo – Aquatec.